SOJA

Redução da oferta mundial e firmes intenções de compra de farelos pela ***União Soviética*** *permitem prever bons preços no próximo ano, apesar do possível aumento da produção sul-americana. A questão do* ***EEP*** *continua em aberto, devendo ser levada ao* ***GATT.***

A estimativa da safra norte-americana divulgada pelo **USDA**, em 12 de outubro, confirmou as expectativas até então vigentes no mercado. Com efeito, a evolução da colheita nos **EUA** vinha-se dando de forma mais favorável do que se poderia esperar, levando à suposição de que a produção poderia ser um pouco melhor.

Agora, espera-se que a safra atinja 40,9 milhões de t, ainda assim 22% abaixo das 52,3 milhões de t colhidas em 1987/88. Novos aumentos poderão ocorrer, pois, segundo a **American Soybean Association**, as variedades tardias estão apresentando menores problemas de qualidade.

No que se refere ao consumo interno da soja em grão, nos **EUA**, o **USDA** o previu em 30,3 milhões de t, enquanto as exportações foram estimadas em 15,4 milhões de t.

Para o farelo de soja, a produção mundial foi calculada em 65,4 milhões de t (+ 2,6% em relação ao ano passado), pouco mais do que as 64,7 milhões de t que constavam na estimativa do mês de setembro. Os estoques finais estarão abaixo do anunciado há um mês, totalizando 3,1 milhões de t, **versus** 3,3 milhões de t, em setembro.

Os **EUA** permanecem firmemente na condição de maiores produtores (22 milhões de t) e consumidores (18,5 milhões de t) mundiais do farelo, sendo que, nas duas últimas safras, o consumo norte-americano alcançou níveis recordes. Na safra anterior, produziram-se ali 25,5 milhões de t e foram consumidas internamente 19,3 milhões de t. Suas exportações, em 1988/89, deverão ser de 3,8 milhões de t (foram 6,1 milhões de t, em 1987/88).

Também no que diz respeito ao óleo, é folgada a supremacia norte-americana, com estimativa de produção de 5,1 milhões de t e consumo de 5,0 milhões de t. Apenas 610 mil t deverão ser exportadas. Registre-se, porém, que também aqui poderão ser feitas revisões nas estatísticas, pois o teor de óleo das sementes, este ano, será maior, justamente em razão dos efeitos da estiagem sobre as plantações.

O fato de a safra de soja ter sido ligeiramente aumentada não teve maior repercussão, porque corretoras privadas já vinham antecipando esta informação. A própria negociação para a renovação do acordo alimentar (milho e trigo) **EUA – URSS**, no momento em que o **USDA** divulga que os soviéticos poderão importar 29 milhões de t de cereais em 1989 (2 milhões de t a mais do que a avaliação anterior), também serviu para que o efeito baixista da nova previsão não se **alastrasse**, atingindo outros mercados de **commodities**, como os do trigo e do milho. Nos dois últimos anos-safra, as compras de farelos, pela **União Soviética**, foram de grande importância para a sustentação do mercado. Aliás, a demanda mundial por farelos protefnicos tem-se mantido firme, apesar dos preços elevados.

Logo após a divulgação da estimativa, as cotações da soja em grão, que vêm oscilando há semanas, mas sempre recuando um pouco, subiram, diante do anúncio de compras soviéticas de farelos, voltando a ultrapassar os US$ 8/**bushel**.

Situação do Brasil

A participação brasileira no mercado mundial da soja é de 18% da produção do grão e de 33% e 26%, nas exportações totais do farelo e do óleo, respectivamente.

O **USDA** estimou em 20 milhões de t a próxima safra brasileira (ver Quadro 09), com estoques, em 1º/9, de 3,9 milhões de t (4,4 milhões de t, na safra 1987/88). Segundo a mesma fonte, os exportadores brasileiros conseguirão vender 44,4% a mais do que na safra anterior.

O esmagamento também aumentará, passando de 12,9 milhões de t, para 15,5 milhões de t. Serão produzidos 12,1 milhões de t de farelo, 20% acima da produção de 1987/88, e exportadas 9,2 milhões de t (**versus** 7,3 milhões de t, nesta safra). Os estoques finais estão estimados em 650 mil t, 14% superiores aos deste ano.

No caso do óleo, o cálculo da produção é de 2,9 milhões de t, com exportações de 900 mil t, importações de 20 mil t e consumo de 2 milhões

QUADRO 09 – SOJA – PRINCIPAIS ÁREAS DE PRODUÇÃO – 1987/88 E 1988/89
(em milhões de t)

PAÍS/REGIÃO	1987/88	1988/89
Argentina	9,90	11,00
Brasil	17,80	20,00
Canadá	1,27	1,20
China	12,18	12,00
EUA	52,34	40,86
Europa Oriental	0,69	0,68
Índia	0,80	1,10
Indonésia	0,95	1,00
México	0,75	0,35
Paraguai	1,00	1,20
URSS	0,71	0,73

FONTE – USDA.

de t, resultando em estoque final da ordem de 360 mil t. Segundo a **Abiove**, a **Argentina** deverá exportar mais do que o **Brasil**, este ano.

A questão do **Export Enhancement Program** continua em aberto, porém. Em fins de setembro, reunião de representantes do **Brasil** e dos **EUA** não chegou a acordo sobre o **EEP**, cujo efeito sobre as vendas brasileiras acarretam prejuízo estimado em até US$ 500 milhões (ver **Agroanalysis**, volume 12, número 9, setembro de 1988).

A pendência entre os dois países será levada ao **GATT**, em fins de outubro. Naquele foro também vêm sendo discutidas as queixas da **Comunidade Econômica Européia** contra as restrições norte-americanas às importações de açúcar, algodão, amendoim e laticínios e dos **EUA** contra os subsídios da **CEE**, que estariam prejudicando suas vendas de soja. Cabe registrar que os governos europeus reduziram um pouco os subsídios à agricultura, o que está levando a menor plantio.

A nova safra brasileira

O plantio, até meados de outubro, ainda não tinha sido iniciado. Sabe-se que a disponibilidade de sementes é apertada. Segundo a **CFP**, a produção deste insumo diminuiu em razão da seca do **Sul** e da excessiva precipitação no **Centro-Oeste**, onde, possivelmente, escassearão sementes de melhor qualidade.

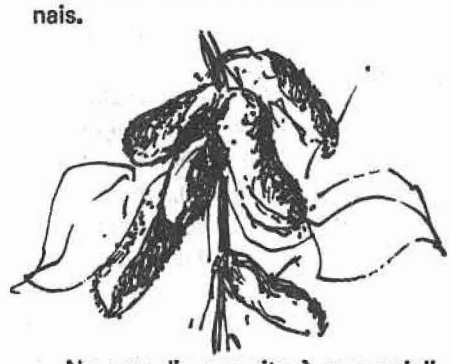
Nos dois principais estados produtores (**Rio Grande do Sul** e **Paraná**) porém, não há relatos de dificuldades com a oferta de sementes. De fato, segundo informações da **Emater-RS** apenas sua distribuição pelo território do estado poderá ter problemas, o que, aliás, ocorre todos os anos. As sementes certificadas cobrem de 50% a 52% da área e já foram aprovadas as quantidades necessárias para uso, nesta safra. Como, no ano passado, foi criado o chamado **padrão** B do grão, com teor germinativo entre 70% e 80%, o restante da necessidade de sementes não encontrará maiores problemas para ser atendido.

O preparo do solo, no **Rio Grande do Sul**, iniciou-se com atraso, mas em pouco tempo, estará normalizado. Ao que se supõe, o plantio não será tão grande quanto se imaginou a princípio. Teria havido algum exagero nas primeiras avaliações mas, mesmo assim, considera-se possível aumentar a área de cultivo de 6% a 7%, o que é um crescimento expressivo para o estado.

Apenas a partir de 20 de outubro inicia-se o plantio gaúcho, parecendo, até o momento, que a iniciativa de tornar o cultivo do milho mais **atraente** não arrefeceu de forma notável a intenção de plantar mais soja.

Aliás, no **Paraná**, em razão de o plantio do milho estar muito atrasado (deveria ter começado em setembro), o **Departamento de Economia Rural**, da **Secretaria da Agricultura** acredita que a soja será beneficiada, com o fim do calendário propício a seu **concorrente**. Começa-se a cultivar soja em outubro/novembro e tudo indica haver semente suficiente, pois os produtores retiveram grãos com esta finalidade. Talvez apenas algumas variedades consideradas **preferenciais** tenham menor disponibilidade, no estado. O **Deral** espera que a área cultivada passe dos 2,1 milhões de ha de 1987/88, para cerca de 2,3 milhões de ha.

Nos demais estados produtores, prossegue a expectativa quanto ao desempenho do clima e à posição relativa do milho, supondo-se que as maiores expansões do plantio da soja ocorrerão nas regiões não-tradicionais.



No que diz respeito à comercialização, os preços do grão chegaram a patamar elevado (ver Quadro 10) e poderiam ter-se estabilizado, não fosse a influência da correção cambial e das oscilações freqüentes na **Bolsa de Chicago**.

Além de se esperarem grandes vendas ao exterior até o início do próximo ano, possibilitadas por ainda existirem estoques abundantes, no país, é possível que renda frutos a tentativa de ampliação das compras da soja brasileira pela **URSS**, que, nos últimos anos, tem-se abastecido na **Argentina**.

QUADRO 10 – SOJA – COTAÇÕES DO GRÃO, DO FARELO E DO ÓLEO, EM SÃO PAULO – 1987/88

MÊS	GRÃO INDUSTRIAL (Cz$/60 kg)		FARELO (Cz$/t)		ÓLEO BRUTO (Cz$/t)	
	1987	1988	1987	1988	1987	1988
Janeiro	150,00	1.192,50	3.080,00	21.175,00	5.620,00	62.500,00
Fevereiro	161,75	1.212,50	3.325,00	21.250,00	6.575,00	62.500,00
Março	171,75	1.230,00	3.725,00	23.100,00	7.375,00	61.200,00
Abril	191,00	1.945,00	4.000,00	26.625,00	8.880,00	64.500,00
Maio	267,00	1.972,50	6.000,00	31.000,00	13.687,50	81.750,00
Junho	392,50	2.966,00	7.575,00	52.200,00	16.925,00	112.200,00
Julho	448,00	3.562,50	8.560,00	65.500,00	16.280,00	155.750,00
Agosto	520,00	4.302,00	10.162,50	72.550,00	17.325,00	170.200,00
Setembro	608,75	5.167,00[1]	13.125,00	84.000,00[2]	19.800,00	187.667,00[1]
Outubro	644,60		13.420,00		22.440,00	
Novembro	745,00		15.050,00		30.000,00	
Dezembro	954,00		19.000,00		39.200,00	

FONTE – CFP.
1 Até 23/09;
2 até 16/09.

Situação na Argentina

Também na **Argentina** há grande expectativa quanto à próxima safra, plantada a partir de novembro/dezembro. O **USDA** espera crescimento de até 20% na área de plantio, com produção de 11 milhões de t. A **Junta Nacional de Granos** considera possível a expansão em até 15%. Contudo, é improvável que a produção aumente na mesma proporção, conforme fontes do mercado, citadas pela publicação inglesa **The Public Ledger's**. Afinal, a safra recorde de 1987/88 derivou de condições climáticas excepcionais, que não se estão verificando, até agora.

Além da atração exercida pelas cotações na **Bolsa de Chicago**, os sojicultores argentinos tenderão a ampliar a área ocupada com as plantações de soja e/ou de girassol, em razão do clima. De fato, a estiagem, iniciada em abril, naquele país, só deu sinais de se ter encerrado no início de outubro, o que inviabilizou o plantio do trigo.

À semelhança do ocorrido no **Brasil**, os argentinos iniciaram a expansão do cultivo de soja através do plantio em sucessão com o trigo, mais tarde adotando o plantio solteiro da leguminosa, para melhorar seu rendimento físico. Também as primeiras variedades lá cultivadas eram originárias do sul dos **EUA**, como aconteceu nas áreas tradicionais da sojicultura brasileira.

Quanto ao girassol, é mais resistente à seca do que o trigo e é semeado em setembro/outubro, ao passo que a soja, com seu plantio mais tardio, traz a esperança de que as chuvas retornem na época apropriada, o que parece estar ocorrendo.

Assim, quanto maior o atraso na precipitação, maior a área da soja, que poderá, pela primeira vez, ser plantada ao sul da província de Buenos Aires, onde, até o momento, era lavoura experimental. Evidentemente, esta ampliação da área será tolhida pela escassez de sementes adequadas à região.



QUADRO 11 - SOJA – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO FÍSICO MÉDIO NO MUNDO E EM PAÍSES SELECIONADOS 1965-67 A 1983-85

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE (mil t)		CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL		PARTICIPAÇÃO DO PAÍS (%)	
	1965-67	1983-85	(%)	(Nºs absolutos)[1]	1965-67	1983-85
Produção (mil t)						
Argentina	19	5.983	32,1	331	0,1	6,7
Brasil	611	16.190	18,2	865	1,9	18,0
EUA	18.092	51.591	5,8	1.861	55,7	57,4
Mundo	32.470	89.920	5,7	3.192	100,0	100,0
Área (mil ha)						
Argentina	16	2.820	28,6	156	0,1	5,4
Brasil	512	9.237	16,1	485	2,0	17,7
EUA	13.731	26.720	3,7	722	52,9	51,1
Mundo	25.948	52.319	3,9	1.465	100,0	100,0
Rendimento (kg/ha)						
Argentina	1.140	2.120	3,4	50	...	...
Brasil	1.190	1.750	2,1	30	...	...
EUA	1.320	1.930	2,1	30	...	...
Mundo	1.250	1.720	1,8	30	...	...

FONTE – U.S. Global Competitiveness: Oilseeds and Oilseed Products, U.S. International Trade Commission.
[1] Em mil t, mil ha e kg/ha, para a produção, a área o rendimento médio, respectivamente;
... não aplicável.

Situação do Mercado Mundial

As estimativas do **USDA**, de que os estoques mundiais de cereais e oleaginosas, em 1988/89, reduzir-se-ão, de 396,3 milhões de t para 269 milhões de t (–32%), e os de grãos forrageiros (aveia, centeio, cevada, milho, sorgo e painço), de 789,7 milhões de t para 709,0 milhões de t, mantêm a expectativa de bons preços internacionais, no próximo ano.

Segundo a revista alemã **Oil World**, há "perspectiva de queda substancial nos estoques mundiais de oleaginosas, para apenas 19 milhões de t no fim da estação, o que reduzirá a relação estoque/consumo a menos de 10%, indicando o maior aperto, em quinze anos".

O recuo da produção norte-americana este ano, em razão da seca, segue-se à paulatina perda nas posições dos **EUA** no mercado mundial. De fato, também a menor área plantada, em anos recentes, fez com que aquele país passasse dos 59% de produção mundial de soja, há três anos, para 43%, este ano.

Segundo **Oil World**, a oferta combinada de argentinos, brasileiros e norte-americanos, em 1º/09/88, esteve em seu mais baixo nível nos últimos oito anos.

O crescimento da produção sul-americana de soja, embora notável (ver Quadro 11) não tem sido suficiente para compensar a retração dos **EUA** e, em 1989, também as safras chinesa, canadense e da **CEE** serão menores.

Convém destacar que os problemas climáticos que afligiram os **EUA**, em 1988, poderão repetir-se, nos próximos anos, excetuando-se, possivelmente 1989. Estudos desenvolvidos naquele país mostram que o próximo quatriênio será caracterizado por sucessivas estiagens, o que abrirá ainda mais o mercado mundial aos produtores de outras regiões.

